MAPA AFETIVO
IÇARA
CAPITAL DO MEL

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE LICENCIATURA ARTES VISUAIS

MAICO RODRIGUES NIADA

MAPA AFETIVO: EXPERIÊNCIAS E MEMÓRIAS COM A CERÂMICA EM ESCOLAS E ESPAÇOS POSSÍVEIS

CRICIÚMA

2022

MAICO RODRIGUES NIADA

MAPA AFETIVO: EXPERIÊNCIAS E MEMÓRIAS COM A CERÂMICA EM ESCOLAS E ESPAÇOS POSSÍVEIS

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do Grau de Licenciado no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Profa. Ma. Odete Angelina Calderan

CRICIÚMA

2022

MAICO RODRIGUES NIADA

MAPA AFETIVO: EXPERIÊNCIAS E MEMÓRIAS COM A CERÂMICA EM ESCOLAS E ESPAÇOS POSSÍVEIS

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciado, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 28 de novembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ma. Odete Angelina Calderan – Mestre em Artes Visuais – (UFSM) – Orientadora

Profa. Ma. Izabel Cristina Marcilio Duarte – Mestre em Educação – (UNESC)

Prof. Me. Mikael Miziescki – Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade – (UNIVILLE)

Dedico esta conquista ao meu companheiro e meus familiares, amigos e professores. Também, a todos aqueles que diretamente fizeram ou fazem parte dessa construção de ‘ser professor’.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que não me deixou desistir diante das limitações.

Agradecer a minha mãe Benta, meu pai Jucelio, meu companheiro Yan, minhas irmãs Janaína e Daiane que sempre acreditaram no meu potencial e que me mostraram o encantamento e o significado de ser professor.

A minha orientadora, professora Ma. Odete Angelina Calderan que me mostrou que sim devemos ter um brilho no olhar ao falar sobre as experiências com arte, com a cerâmica e de sempre acreditar no meu potencial. Por toda dedicação que esteve ao meu lado pelas suas correções e incentivos na construção da pesquisa. Muito obrigado!

Agradecer em especial aos professores que compõem minha banca Ma. Izabel Cristina e Me. Mikael Mizieski que se dispuseram a estar na minha defesa de Trabalho de Conclusão de Curso -TCC.

Agradecer aos professores do Curso que ao longo da graduação nos proporcionaram memórias e experiências que levarei para a vida. As funcionárias do curso Eliana Ferreira dos Santos e Franciele Bock da Rosa que estavam dispostas a estender a mão quando precisava.

Agradecer a UNESC de realizar essa experiência fantástica, foi um sonho estar dentro da Universidade.

Agradecer às minhas colegas Stefany e Paloma, que com personalidades diferentes mas com um propósito igual ver o crescimento profissional do outro. Como sempre falamos “da UNESC para a vida!”

Por todos aqueles que diretamente fazem parte da construção do meu processo de um professor em formação.

Muito obrigado!

“No mundo em que vivemos, a cerâmica é cada vez mais, para o praticante ou para o apreciador, uma opção que induz a um reencontro do ser humano com o coração de seu universo.”

Miriam B. Gabbai

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo investigar de que forma as experiências e memórias trazidas do tempo de estudante, podem motivar uma pesquisa que busca compreender outras experiências realizadas por um grupo de professor (as) e uma artista a partir de seus relatos, ampliando estudos sobre esse processo. Para a escrita tomo como base teórica com Frigola (2008), Gabbai (1987), Larrosa (2002), Le Goff (1996), Miziescki (2021) Nora (1993), Passos; Barros (2009), Rodrigues (2011), Teixeira (2015) e outros autores. A metodologia empregada é a pesquisa cartográfica, pois contempla relatos de professor (as) e da artista, residentes em Criciúma, que trabalham em escolas em municípios vizinhos Cocal do Sul, Içara e Nova Veneza, no Extremo Sul Catarinense. A presente pesquisa evidencia a importância das experiências relacionadas à cerâmica, refletindo sobre os desdobramentos na construção de memórias afetivas dos alunos (as) e professores (as) nas escolas e espaços possíveis.

Palavras-chave: Cerâmica. Relatos de Experiências. Memória Afetiva. Escola e Espaços Possíveis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Memória familiar da casa - retrato de tios e filhos 11
Figura 2 – Mapa afetivo,Cocal do Sul, Criciúma, Içara e Nova Veneza/SC. 15
Figura 3 – Barro Vermelho, Balneário Rincão, 2022. 19
Figura 4 e 5 – Preparação da argila, 2022.....20
Figura 6 e 7 – Coração, técnica maciço ocado, 2022 22
Figura 8 – Queima cerâmica em forno elétrico, UNESC, 2022.....25
Figura 9 – Estágio - *Inventário Afetivo/Entre*, 2022. 26
Figura 10 – Estágio - *Handmade: Desdobramento da Arte na Cerâmica*, Ateliê Escultura e Cerâmica Jussara Guimarães, UNESC, 2022. 27
Figura 11 – Estágio - *Handmade: Desdobramento da Arte na Cerâmica,* detalhe, 2022. 26
Figura 12 – Estágio - *Handmade: Desdobramento da Arte na Cerâmica*, Exposição no CEJA, 2022 27
Figura 13 – Convite Professores (as) e Artista,2022. 31
Figura 14, 15 e 16 – Agnes Felix Ribeiro. *Projeto de oficina de Arte*, experiência de estudantes com a cerâmica, 2002. .....32/33
Figura 17 – Denny Soares. *Projeto de esculturas modeladas com biscuit*, 2022. 35
Figura 18 – Juliana Pereira Guimarães. Exposição *Criatividade sem Portas*, diversas linguagens e cerâmica, 2019. 37
Figura 19 , 20 e 21 – Marcos Antônio dos Santos. *História dos Números*, 2019. 40
Figura 22 – Simone Milak. Projeto *A oficina para as educadoras do CEIC de Forquilhinha*, 23 de julho de 2022. 41
Figura Figura 23 – Simone Milak. Detalhe: *Projeto - Oficina para as educadoras do CEIC* de Forquilhinha, 23 de julho de 2022. 41
Figura 24 e 25 – Simone Milak. *Projeto Ancestral*, técnica de rolinho, 2022.....42
Figura 26 – Simone Milak. *Projeto Ancestral*, técnica de rolinho, 2022.....43
Figura 27 – Covite Experiência em Oficina: Café/Cerâmica.....42

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEJA	Centro de Jovens e Adultos
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense
UNIPLAC	Universidade do Planalto Catarinense
CEIC	Centro de Educação Comunitário Paraiso das Crianças

LISTA DE TABELA

Tabela 1 – Síntese dos relatos, 2022.....44

SUMÁRIO

1 CAMINHO PESSOAL 11

1.1 MAPA METODOLÓGICO DA PESQUISA 14

2 BREVE HISTÓRICO DA CERÂMICA 17

2.1 A CERÂMICA NA GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS 23

3 A EXPERIÊNCIA E A MEMÓRA 28

3.1 RELATOS DE PROFESSORES E A ARTISTA SOBRE AS EXPERIÊNCIAS E MEMÓRIAS AFETIVAS COM A CERÂMICA 30

3.1.1 ANÁLISE REFLEXIVA DOS RELATOS 44

4 PROJETO DE CURSO 48

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 53

REFERÊNCIA 55

ANEXO(S) 57

ANEXO A 58

ANEXO B 59

1 CAMINHO PESSOAL

Meu envolvimento na infância foi marcado pela presença afetiva da minha mãe Benta, que sempre muito habilmente trabalhou com o crochê. Lembro que as referências para as produções dela vinham de revistas e, depois, a mesma criava com linhas coloridas, fazendo desde vestimentas a tapetes. Do encantamento pelos pequenos objetos guardados na cristaleira em um dos móveis preferidos na casa da minha avó, um detalhe que sempre chamou a minha atenção, foram as fotografias penduradas nas paredes das casas da família (Figura 1).

Figura 1 – Memória familiar - retrato de tios e filhos, ano e técnica desconhecidos, 30 x 40 cm, fotografia: Bárbara Niada, 2022.
Fonte: Acervo do autor.

Esse baú de lembranças da infância remete aos encontros familiares na casa do sítio onde meus avós moravam em Lauro Muller/SC. Em meio a natureza, a terra, entre as brincadeiras com minhas primas correndo pela grama onde as vacas ficavam, minha experiência com a terra sempre foi fazer comida ‘bolinhos’ de ficção com água e terra. Lembro desses encontros afetivos em família celebrados em roda de conversa, nada mais era que comemorar o presente e celebrar o futuro.

Lembrei também das histórias contadas pelo meu pai Jucelio sobre a produção de pisos e azulejos esmaltados da empresa Eliane Revestimento Cerâmicos, localizada na cidade de Cocal do Sul/SC, onde ele trabalhou em certo período da vida. De certo modo, a cerâmica, sempre esteve ligada à família.

E se complementa com minha história, não diretamente ligada à cerâmica, mas com a pintura de estátuas de gesso e MDF em 2014, pelos diversos efeitos

com a pintura em ambos os suportes. Comecei a ganhar visibilidade entre os amigos nas redes sociais que acabavam indicando meu trabalho. Em 2018, passei a trabalhar em uma loja de artesanato, na cidade de Criciúma/SC, onde tive a experiência de conhecer a diversidade de produtos. Fui convidado a atuar como mediador em oficinas de técnicas de pintura em gesso, para as alunas.

Meu percurso até chegar na universidade foi por meio de mulheres artesãs com produções de objetos que eram usados como decoração ou até mesmo à venda e uso próprio. Assim, esse período se deve pela experiência incrível de ensinar professoras aposentadas a técnica pintura em gesso. Ao longo da graduação em Artes Visuais Licenciatura, as disciplinas e os ateliês despertaram cada vez mais meu interesse para pesquisas em Arte, Ensino e Arte Contemporânea. Dentre as disciplinas do curso de graduação, a de Laboratório de Práticas Artísticas III, que é realizada no ateliê de Escultura e Cerâmica Jussara Miranda Guimarães (Sala 05, Bloco Z), sempre me chamou a atenção, pela criação artística e técnicas da produção cerâmica. [1] Infelizmente, com a pandemia de Covid - 19, grande parte do semestre se deu de modo online. Mesmo assim, consegui produzir e fazer a queima posteriormente.[2]

Assim, as experiências com a cerâmica no ateliê de Escultura e Cerâmica Jussara Guimarães e de Estágio III, realizada com estudantes do Ensino Médio, no Centro Educação Jovens e Adultos-CEJA, em Criciúma. Me levou a pensar a Pesquisa de Conclusão de Curso. Este trabalho parte do seguinte problema para esta investigação: Em que medida as experiências trazidas em propostas de cerâmica podem constituir memórias? [3]

Assim, para melhor a compreensão a pesquisa textual foi dividida em:

a) Na introdução “Caminho inicial”, trago as vivências familiares e experiências ao longo da graduação que me fizeram refletir sobre a escola. b) no “Mapa metodológico da pesquisa”, trago referências de autores que se aproxima do método da cartografia com Passo; Barros (2009), a experiência com Larrosa (2002) e a memória com Teixeira (2015).

---

[1] O nome do ateliê de Escultura e Cerâmica é uma homenagem a Jussara Miranda Guimarães (1948-2011), natural de Porto Alegre (RS), professora da UNESC desde o ano de 1975, lecionava no Curso de Artes Visuais, que ajudou a fundar na instituição. Artista renomada com exposições individuais e coletivas, nacionais e internacionais, premiada em Salões de Cerâmica. Disponível em:< www.studyopachamama.blogspot.com>. Acesso: 05 out. 2022.

[2] Disponível em: O que é a Covid-19? - Português (Brasil) (https://covid.saude.gov.br/). Acesso em: 8 nov. 2022.

[3] O assunto será retomado (p. 22).

c) No Capítulo 2: “Breve recorte histórico da cerâmica”, apresento um recorte histórico da cerâmica com Gabbai (1987), Frigola (2008) e Rodrigues (2011). d) Em “A cerâmica na graduação em artes visuais”, trago como estudo sua vivencias de sala de aula na perspectiva de Miziescki (2021) e BNCC (2018).

e) No Capítulo 3: “A experiência e a memória” trago Larrosa (2014), Nora (1993), Teixeira (2015) Le Goff (1996). A partir das memórias é que podemos retomar as experiências e das experiências podemos criar novas memórias. f) Já no “Relatos de professores e a artista sobre as experiências e memorias afetivas com a cerâmica” tragos professores que atuam na educação básica para esse estudo: Agnes Felix Ribeiro, Ana Cristina Viana Machado, Denny Soares, Juliana Pereira Guimarães, Marcos Antônio dos Santos e a artista visual Simone Milak. g) Na “Análise reflexiva dos relatos”, proponho um olhar sobre os dados coletados sobre a proposta da cerâmica em sala de aula.

h) No Capítulo 4: “Projeto de curso - Experiência em oficina: Café/Cerâmica”, como proposta uma oficina como mediação entre professores para fundamentação teórica em Freire (1996), Teixeira (2015).

i) No Capítulo 5: “Considerações finais”, as experiências e memórias familiares e da graduação que motivaram a pesquisa. Assim, a ideia de ‘mapa afetivo’ ligando as cidades de Cocal do Sul, Criciúma, Içara e Nova Veneza, locais que estão diretamente ligados aos professores e artista pesquisados. E o quanto os relatos dos professores e da artista, é notório uma procura crescente de trazer aulas com matérias e suportes diferentes para ampliação de repertorio dos alunos. Nessa percepção da imagem do professor estar diariamente sendo desafiado dentro de sala de aula. A pesquisa é norteada: Nas aulas de Artes as experiências afetivas contribuem para compreender o outro? Os alunos têm acesso a todas as linguagens artísticas em sua formação? O professor (as) de arte tem buscado novas formações para ampliar seu olhar da Arte, através de produções dos estudantes?

Assim, a pesquisa intitulada “*Mapa afetivo: experiências e memórias com a cerâmica em escolas e espaços possíveis*”, compreende os ‘espaços possíveis”, como espaços transformadores de experiências e memórias afetivas, de arte e vida.[4]

[4] HONORATO, Aurélia Regina de Souza. Trajetórias cartográficas na formação de professores e professoras de artes: espaços do possível. 2015. Disponível em:< http://pergamum.unisul.br/pergamum/pdf/110516_Aurelia.pdf>. Acesso em: 04 dez. 2022.

1.1 MAPA METODOLÓGICO DA PESQUISA

“A memória de enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem no objeto”.
Pierre Nora (1993, p.18)

Na busca por apresentar a pesquisa intitulada “*Mapa Afetivo: Experiências e Memórias com a Cerâmica em Escola e Outros Espaços”,* partimos do seguinte problema de investigação: em que medida as experiências trazidas em propostas de cerâmica podem constituir memórias? Partindo deste pressuposto a linha de pesquisa Educação e Arte do Curso de Artes Visuais Licenciatura, da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, compreende que: [5]

> [...] princípios teóricos e metodológicos sobre educação e arte. A formação de professores. As artes visuais e suas relações com as demais linguagens artísticas. Estudos sobre estética, culturas e suas implicações com a arte e a educação. (UNESC, 2022, p. 2)

A pesquisa se aproximou do método cartográfico. Segundo os autores Eduardo Passos e Regina Benevides de Barros, no livro “Pista do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade”, a cartografia é um:

> [...] método de pesquisa-intervenção pressupõe uma orientação do trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas nem com objetivos previamente estabelecidos. No entanto, não se trata de uma ação sem direção, já que a cartografia reverte o sentido tradicional de método sem abrir mão da orientação do percurso da pesquisa (PASSOS; BARROS, 2009, p.17).

Assim, a cartografia em minha pesquisa se apoderou de estratégias de mapear memórias e experiências com a cerâmica e como estas experiências podem constituir memórias. Para tal, começo pelas minhas primeiras vivências familiares, em seguida na graduação, que surgem pelas reflexões expressadas e sendo

[5] Disponível em:< https://www.unesc.net/portalresorces/files/42/NormasTCCLicencciatura>. Acesso em: 26 out. 2022

moldadas pelas experimentações da terra/argila no ateliê de Escultura e Cerâmica Jussara Miranda Guimarães e nas experiências da disciplina de Estágio III.

Nesta pesquisa percebo a relação próxima daquilo que entendo sobre experiência. A experiência a partir de Larrosa (2002) é aquilo “que nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação”.

Durante a pesquisa procurei mapear, selecionar e recolher relatos de quatro professoras e um professor, das cidades de Cocal do Sul, Criciúma, Içara e Nova Veneza, e uma artista visual, de Criciúma (Figura 2), que se conectam pelos ‘processos’ na elaboração de propostas de cerâmica na escola, e também propiciando aos alunos novas maneiras de ensino através da linguagem da cerâmica, conforme a as cidades em destaque.

Figura 2 – Mapa afetivo, Cocal do Sul, Criciúma, Içara e Nova Veneza/SC.
Fonte: Acervo do autor.

Objetivo principal desse estudo de compreender as experiências realizadas em cerâmica em escolas. Para isso busco costurar as relações de professores (as) e da artista, em forma de relatos deles sobre suas experiências e das memórias

afetivas que surgem a partir desses relatos. Como proposta especifica de selecionar e mapear professores (as) de Criciúma e municípios vizinhos. De realizar entrevista com os professores (as) e a artista, assim analisar e selecionar bibliografias para leitura e escrita.

As experiências que tive no decorrer da graduação alinhadas a teoria/prática, fizeram-me mapear o estudo com relatos que não se constituem em opiniões, mas sim através de seus processos em sala de aula ou em práticas de ateliê, buscando entender os percursos e conexões que a Arte implica nos seus desdobramentos. Diante disso, as experiências muitas vezes não lhe trazem respostas imediatas, funcionam como método cartográfico processual. Onde a perspectiva na investigação da pesquisa acontece gradativamente, revelando fatos históricos de um determinado lugar ou pessoa.

Ambos os professores de Arte que já se apropriam da linguagem da cerâmica em suas aulas e do percurso da artista visual que através de suas propostas em cerâmica, estão conquistando seu lugar na contemporaneidade.

1 BREVE HISTÓRICO DA CERÂMICA

A história das primeiras cerâmicas que se têm notícia surge com a descoberta do fogo. O homem pela necessidade de sobrevivência percebeu o processo de transformação da argila ao ser queimada. Pela durabilidade e resistência se tornou um meio eficaz. Em outro momento da investigação, a cerâmica ajudou a contar a história das civilizações, através de estudos arqueológicos com artefatos cerâmicos, que revelaram a concepção de uma determinada região como a cultura de um determinado lugar. Podendo assim, através dos estudos, sabermos o grau de sociedade. A autora Maria Dolors Ros Frigola, em seu livro “Cerâmica artística”, a considera como “um elo essencial no padrão cultural da sociedade”, e define:

> A palavra cerâmica é de origem grega e alude ao conceito de argila em todas as suas formas. A maior parte dos museus, e graças à qualidade dos materiais, oferecem a possibilidade de apreciarmos como, ao longo dos tempos, os artistas de todo o mundo se expressaram por meio da argila (FRIGOLA, 2008, p. 7).

Para ampliar o raciocínio, trago o livro “Cerâmica Arte da Terra", a autora Miriam B. Gabbai. Ao falar da cerâmica afirma que:

> [...] é uma das mais antigas artes. Do ponto de vista da arte pela arte, sofre do pecado original de ter tido desde a pré-história uma conotação utilitária. E do ponto de vista mítico da arte é suplantar a própria realidade, a cerâmica, com sua bagagem de milênios é sem dúvida tida como arte menor. Isto porque nos primórdios do homem, o barro se amoldava gentilmente à vontade dele, indo pela mão ao encontro da sua necessidade (GABBAI, 1987, p.13).

A arte funciona para mim como o ciclo começo/pausa/retomada o mesmo que a cerâmica nos proporciona onde relembrar, vivenciar e apreciar suas práticas expressadas e concretizadas em um objeto artístico. Ao fazer recortes com minha vida, a natureza/terra sempre foram esse lugar de desacelerar conectar-se comigo mesmo.

Desde os cuidados simples como regar minhas flores/terra. “Ele pode minerar o seu barro em sua própria terra, transformar em pasta por métodos simples, moldá-los a gosto (GABBAI, 1987, p.14).

Em outro momento da história o recorte da cerâmica no Brasil conforme a autora, remete a:

> Resta-nos dizer que a cerâmica brasileira é uma tentativa de resgatar nossos valores e de perceber que lugar ocupamos dentro do âmbito mundial da arte. Nos últimos dez anos, a cerâmica evoluiu, firmando-se no campo das artes, vencendo os preconceitos. Deixou de ser apenas um veículo de outros materiais e passou ela mesma a ser a própria arte (GABBAI, 1987, p. 9).

Para entender a ‘matéria’ do que argila/cerâmica é composta, podemos destacar nesse estudo os quatros elementos: terra, água, ar e fogo são fundamentais para se começar a falar da experiência da cerâmica como proposta de aula de arte, para ampliar o estudo conforme a autora Maria Rodrigues (2011) afirma que:

> Por existir uma grande quantidade de rochas, podemos concluir, então, que existem infinitos tipos de terra por toda superfície da crosta terrestre, que em contato com a água, formarão diferentes tipos de barro. O solo umedecido pelas águas da chuva vira barro, ou lama, dependendo da quantidade água. Então, barro seria terra mais água. (RODRIGUES, 2011, p. 27)

Ao longa de minha pesquisa, pude destacar que podemos encontrar a argila nas seguintes localidades: na natureza a céu aberto, em barrancos, na beira de rios ou em camadas subterrâneas. Nesta perspectiva Rodrigues (2011, p. 28) “quanto mais plástica é uma argila, mais água absorverá, aumentando, assim, de volume. Ao secar, a água evapora, [...]. Assim, a plasticidade é proporcional ao encolhimento da massa, quanto mais plástica, mais encolhe” (Figura 3).

Figura 3 - Barro Vermelho, Balneário Rincão, 2022.
Fonte: Acervo do autor.

As principais etapas do processo de moldagem na argila nesse viés estão vinculadas as experiências que tive através do curso de Artes Visuais me proporcionaram através do Ateliê da UNESC, nesse resgate da minha memória em processos com a cerâmica. [6] Como podemos perceber na sequencia:

a) Preparo da argila: a preparação após ser extraída deve ser colocada de molho na água para que se torne uma “lama” - argila e água se torne homogênea. Para que não ocorra rachadura na peça e nem se quebre, é necessário que se faça toda a compactação da água e de impurezas que tenha na massa da cerâmica. Para melhor absorção da água se recomenda colocar em folhas de jornal ou base de gesso para evaporação da água (Figura 4 e 5).

[6] Lacad – Laboratório de Cerâmica a Distância UFRGS. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/lacad/>. Acesso em: 08 nov. 2022.

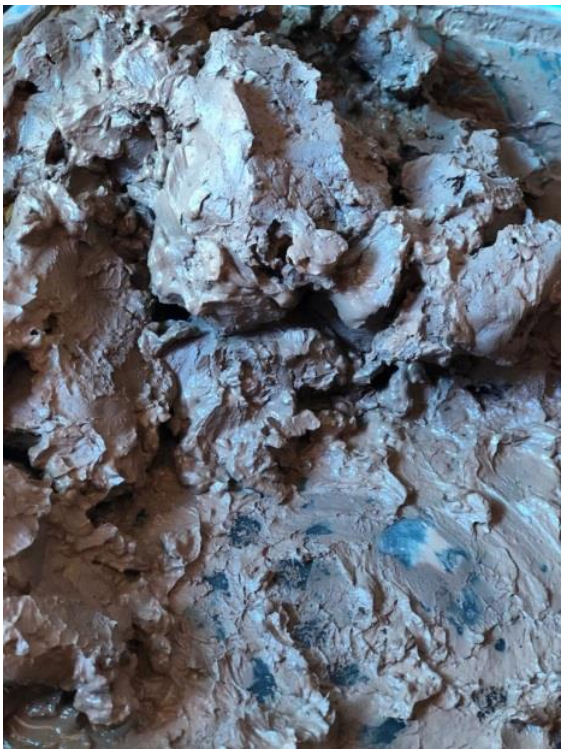


Figura 4 e 5 - Preparação da argila, 2022.
Fonte: Acervo do autor.

b) Modelagem: após a argila preparada para começar, iniciamos a produção modelando uma peça, assim, todo cuidado é necessário para seja ela a escolha de bidimensional ou técnicas em rolinhos. É necessário ter cuidado para que nas emendas sejam bem conferidas para uma melhor compactação quando secar. Quanto a experiência de ocar as peças (maciço ocado) são aberturas de ar para quando realizada sua queima o ar consiga sair sem danificar a peça (rachar). (Figuras 6 e 7).
c) Guardar: quando a produção desse objeto não estiver finalizada se recomenda cobrir com plástico para que a umidade não se perca, podendo retomar a finalização.
d) Secagem: ocorre de maneira natural onde a perda da umidade acontece gradativamente. Esse processo do tempo tem que ser respeitado para não acontecer danos a peça.

Figura 6 e 7 - Coração, técnica maciço ocado, 2022.
Fonte: Acervo do autor.

e) Queima: a experiência da queima é gradual pois requer cuidado do grau da temperatura, havendo a necessidade de aumento gradativo, pois depende muito de cada forno. Hoje no mercado são de classificação de forno a gás, elétrico e queimas alternativas. Para que se não haja interrupção da produção ‘quebra’ é adequar a peças para que não fique juntas uma das outras. Esse processo de armazenamento interfere diretamente no resultado (Figura 8).
f) Acabamento depois da queima: se utiliza de fermentas como a lixa, as tintas, para se ter um acabamento uniforme, sem textura. Também, se desejado pode ser aplicado esmalte para acabamento da peça.

Figura 8 - Queima cerâmica em forno elétrico, UNESC, 2022.
Fonte: Acervo do autor.

Foi nos meus estudos na graduação quando surgiu a ideia de em a linguagem da cerâmica para experiências em escolas e outros espaços. Conforme Silveira (2006, p. 6), a cerâmica “oferece uma rica possibilidade de contato com teorias, profissionais, técnicas, produções e poéticas, podendo contribuir no processo ensino/aprendizagem”. Onde os alunos estão atualmente ligados ao imediato e ao que a tecnologia proporciona o inverso, com uma proposta de manusear a argila, quando umedecido com água sua plasticidade de amassar, de modelar também, a experiência do tempo da secagem e o da queima são etapas processuais necessárias.

Arte na cerâmica é um marco significante desde a criação do homem que através dos processos acerca da natureza/terra sendo extraídas e utilizadas como utensílios domésticos para armazenamento de alimentos para própria sobrevivência. Hoje, na contemporaneidade, o homem através de suas produções artísticas faz essa imersão na sua própria história afetiva ou uma determinada cultura de um lugar.

1.1 A CERÂMICA NA GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

As experiências que tive o longo da graduação nas aulas de escultura e cerâmica, aconteceram através do ateliê de Escultura e Cerâmica Jussara Miranda Guimarães (sala 05, bloco Z) me fizeram aproximar a um entendimento sobre Arte. Essa perspectiva dialoga com o que, Mikael Miziescki (2021) oferece em sua dissertação "*A Arte Contemporânea do Extremo Sul Catarinense: Poéticas, Movimentações e Desafios Patrimoniais":* esclarece que esclarece que Arte "não depende de uma linguagem, nem de um material específico, muito menos de um só artista ou movimento. A arte não depende, ela é" (MIZIESCKI, 2021, p. 49).

Nessa pesquisa o autor fez uma análise de sua trajetória como professor que "é do chão da escola que vem meu lugar de fala" (MIZIESCKI, 2020, p.7). Onde para ampliar minha pesquisa através de relatos de professores atuantes de sala de aula e artistas que desenvolvem uma relação de memórias afetivas através de experiências a partir do contexto de arte e relações de trocas de saberes entre pessoas. Nessa mediação do estudo onde o sul do estado é um polo industrial cerâmico, a ligação com a professora Jussara Miranda Guimarães, que hoje ateliê da UNESC intitulado com seu nome ganha visibilidade de estudo.

> Foi em Porto Alegre que nasceram duas das maiores referências da arte na região do extremo sul catarinense: Gilberto Pegoraro (1941-2007) e Jussara Miranda Guimarães (1948-2011). Apontados de forma unânime pelos 17 entrevistados como pioneiros e principais atores no desenvolvimento da cultura da região, Jussara e Pegoraro não separavam a arte da vida; ficavam boa parte do tempo em seus ateliês, tinham prazer em produzir e falar sobre suas pesquisas, estudavam e ensinavam na mesma proporção, dividiam livros e materiais e sempre se colocavam a disposição para qualquer ação na região, que envolvesse ensino, pesquisa, produção, cultura e arte. (MIZIESCKI, 2020, p. 93)

Meu estudo adotou um viés de relações onde esse espaço de produção artística, como o ateliê Jussara Guimarães, não é destinado a produções em serie como na indústria. Mas sim um lugar de pesquisa, de experiências de história um lugar de cultura.

Nas aulas de artes na escola a teoria e prática conforme BNCC (2018) se concentra nas seguintes linguagens: as Artes Visuais, a Dança, a Música e o Teatro.

Essas linguagens têm como objetivo propor para o aluno experiência de diferentes materialidades, guiando para a forma concreta de expressão através produções artísticas.

> As Artes visuais são os processos e produtos artísticos e culturais, nos diversos tempos históricos e contextos sociais, que têm a expressão visual como elemento de comunicação. Essas manifestações resultam de explorações plurais e transformações de materiais, de recursos tecnológicos e de apropriações da cultura cotidiana. (BNCC, 2018, p.195).

Por isso, que cerâmica esteve presente como proposta no meu Estágio III, como prática de ensino das Artes Visuais através da linguagem da cerâmica, projeto chamado *"Handmade: Desdobramento da Arte na Cerâmica"*, para estudantes do Ensino Médio, desenvolvido na disciplina ministrada pelo professor Marcos Antônio no Centro Educação Jovens e Adultos-CEJA, em Criciúma. A escolha foi a turma 122, com 12 (doze) estudantes do Ensino Médio.

Por ter um leque de conteúdo a serem pesquisados podendo ser a própria matéria bruta (argila), o bidimensional que a cerâmica proporciona, sua poética, assim como as possibilidades de produção e exposição que remetem acervos pessoais dos alunos, o intuito do estudo no campo das experiências é levar a teoria/prática como conteúdo de artes visuais através da linguagem da cerâmica. (Figura 9 e 10).

Figura 9 - Estágio - Inventário Afetivo/Entre, 2022.
Fonte: Acervo do autor.

Figura 10 - Estágio. Handmade: Desdobramento da Arte na Cerâmica, Ateliê Escultura e Cerâmica Jussara Guimarães, UNESC, 2022.
Fonte: Acervo do autor.

O projeto aconteceu a partir da memória afetiva dos alunos sobre uma base quadrada de 20x20 cm, propôs parte teórica com apresentação de artistas visuais locais e história da cerâmica como mediação da proposta, onde ocorreu na sala de Arte da escola intitulada Inventário Afetivo/Entre. Também, como atividade em sala propuz para relatar por escrito ou através de ilustração o que remetia as suas memórias afetivas. A turma percorreu por sentimentos (perda de alguém/saudade, desejo de conseguir algo) a brincadeiras da infância/jogos atuais. A parte prática da

metodologia foi realizada no ateliê de Escultura e Cerâmica Jussara Miranda Guimarães (sala 05, bloco Z) da UNESC (Figura 11).

Figura 11 - Estágio - *Handmade: Desdobramento da Arte na Cerâmica,* detalhe*, 2022.*
Fonte: Acervo do autor.

Para ser eficaz no contexto, o estudo no qual eu denomino essa experiência como o pré-produção/produção/pós-produção, foi utilizada a argila tinha no ateliê, com auxílio da máquina maromba, para acontecer a mistura e acrescentado pouca água no barro. Para entender os processos nada melhor que colocar a mão na massa, para mostrar para os alunos que daria certo. Após a unificação da matéria comprimindo argila com água, é utilizado uma placa de gesso para que se faça o processo de compactação (sovar a argila) para que fique maleável de ser moldada e sem ficar pegajosa nas mãos.

O envolvimento dos alunos foi fundamental para o desenvolvimento do conhecimento teórico na prática. Assim, com auxílio do rolo de compressão, bancadas de apoio e forno para a queima, ferramentas encontradas no ateliê. Com objetivo de conseguirem moldar a ideia do papel para a argila a partir de uma base 20x20 cm para nortear as produções.

Após a finalizadas passaram por uma etapa do processo de secagem naturalmente, e para que ocorresse nenhuma intervenção, seguiram para o forno elétrico. Assim, a pesquisa deu certo por conta dos alunos, que sutilmente compartilharam o que é mais valioso: as memórias afetivas.

Ao final, foram realizadas 19 peças artísticas que revelam um acerto relativo a pessoas, um resgate à infância e a elos familiares. Consequentemente, o estudo não ficou só em sala de aula, a experiência de compartilhar com a comunidade escolar aconteceu em forma de roda de conversa e exposição das produções, onde fui convidado pelo professor Marcos Antônio para falar do projeto. Foi um momento enriquecedor com os professores e direção presente fazendo os alunos se sentirem seres pertencentes (Figura 12).

Figura 12 - Estágio - Handmade: Desdobramento da Arte na Cerâmica, Exposição no CEJA, 2022.
Fonte: Acervo do autor.

Como professor em formação, essa mediação foi fundamental. O percurso foi de propiciar aos alunos a conhecerem outra linguagem como da cerâmica e desenvolverem suas próprias produções artísticas, o que possibilitou um resgate de memórias afetiva, transformando essa experiência pela arte e vida.

2 A EXPERIÊNCIA E A MEMÓRIA

> “A memória seria, assim, um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente e a história uma representação do passado.” NORA (1993, p.9).

A experiência e a memória têm um papel muito importante nesta pesquisa, pois a partir das memórias é que podemos retomar as experiências e das experiências podemos criar novas memórias.

Sobre a experiência Larrosa diz que:

> Este é o saber da experiência; o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao logo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece (LARROSA, 2014, p. 32).

Destas experiências, destes contatos com o passado que durante toda nossa trajetória de vida armazenamos no subconsciente. Podemos mostrar através de relatos para outro o que de fato aprendemos com essas trocas de saberes.

A memória está diretamente ligada com o tempo, com o passado e com o presente e como elas nos atravessam as experiências. A memória para Nora (1993) “tudo o que é chamado hoje de memória não é, portanto, memória, mas já história”. Ampliando o raciocino para sala de aula, no componente curricular Arte, através das linguagens a história pode ser contada de diferentes formas, por exemplo: consolidando de forma concreta através de objetos/espaços escultura como a cerâmica ou também por fotografias entre as diversas materialidades.

Sobre escola, Teixeira (2015, p. 3) diz que:

> A escola armazena grande parte da memória social em decorrência de seu cotidiano e de sua temporariedade. Ela representa o momento de toda aprendizagem através de elementos utilizados na juventude, tais como normas; transmissão de valores; uniformes; caminho percorrido até à escola; brincadeiras e desafios; experiências com o grupo; material didático utilizado e outros acontecimentos que ganham sentido na relação social com o cotidiano. Isso mostra que a escola enquanto lugar de memória é ao mesmo tempo simbólica e material.

Nesse recorte podemos dizer que na escola que através de experiências constituir-se memórias. Para Nora (1993) “a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado.” Portanto, através dos fatos podemos valorizar costumes culturais de um determinado lugar ou povo. Na percepção da história, Le Goff (1996) diz que: “a história quer ser objetiva e não pode sê-lo. Quer fazer viver e só pode reconstruir. Ela quer tomar as coisas contemporâneas, mas ao mesmo tempo tem que reconstruir a distância e a profundidade da lonjura histórica.”

A escola como um espaço social cultural, através das vivencias centralizadas no presente. Sendo assim, minha pesquisa de campo se constitui em fazer um resgate de professores de artes que através de suas vivências de vida, e suas experiências através da linguagem da cerâmica. Bem como, mostram os caminhos através de memórias para se contar a história de um determinado foto, de uma experiência ou de uma determinada cultura. Sendo assim, um reaproveitamento contraente de experiências através de trocas interpessoais.

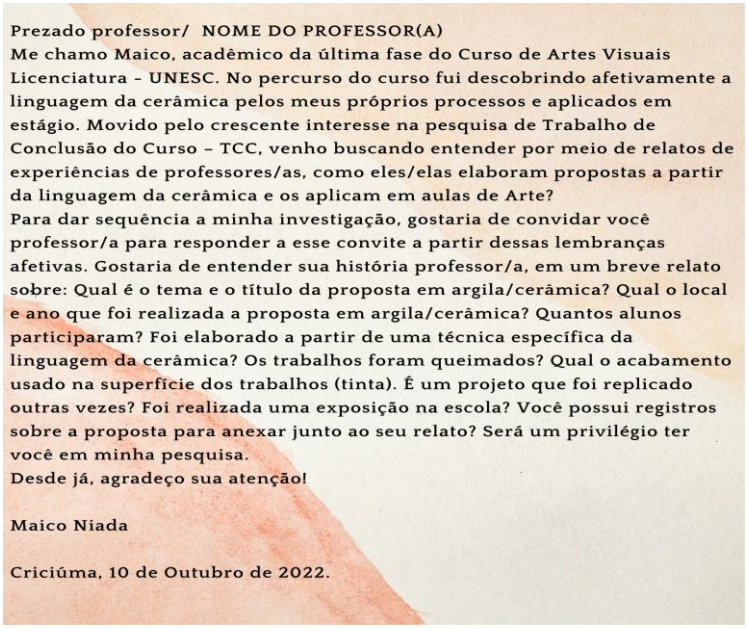
3.1 RELATOS DE PROFESSORES E A ARTISTA SOBRE AS EXPERIÊNCIAS E MEMÓRIAS AFETIVAS COM A CERÂMICA

Minha pesquisa passou a se estruturar quando encontrei junto dos professores do Curso de Artes Visuais (UNESC), a indicação de nomes de professores e artista, que desenvolveram propostas com a cerâmica em escolas e espaços do possível. A partir dos primeiros nomes, outros foram surgindo por intermédio de colegas. Dentre os professores, alguns deles vivem e trabalham na cidade de Criciúma e outros em municípios vizinhos, na cidade de Içara, Cocal do Sul e Nova Veneza, em Santa Catarina/SC. Fiquei realmente surpreso e feliz com a indicação de nomes de outros estados como o Espírito Santo e Rio Grande do Sul. No entanto, optei pela pesquisa regional por perceber que há carência pesquisa ligada ao assunto.[7]

O primeiro contato com os professores (as) se deu pelo *Whatsapp*, totalizando 15 (quinze) professores. O retorno foi acontecendo gradativamente. Alinhei a tecnologia a meu favor, utilizando o aplicativo de mensagens, para ter esse contato direto, o que facilitou muito a nossa comunicação e estudo. Os 6 (seis) professores responderam que desenvolveram propostas com a cerâmica em na escola. No entanto, no decorrer das semanas apenas 5 (cinco) professores realmente conseguiram participar. Após a definição dos participantes encaminhei o convite com algumas perguntas aos professores: Agnes Felix Ribeiro, Ana Cristina Viana Machado, Denny Soares e Juliana Pereira Guimarães, Marcos Antônio dos Santos e a artista visual Simone Milak. Como acompanho o trabalho da Simone por meio de redes sociais e sempre a admirei por se colocar na contemporaneidade trazendo reflexões alinhadas à natureza através da cerâmica, achei importante ela também participar da pesquisa. Os encontros no *Whatsapp* foram acontecendo de forma espontânea podendo ser por mensagem de texto, áudio, gravação, permeados por perguntas que norteiam as respostas como no convite e transcritas abaixo (Figura 13).

Os registros apresentados ao longo da pesquisa estão cobertos, pois, não temos autorização para uso das imagens dos participantes.

[7] A Profa. Dra. Aurélia Honorato foi importante pelas contribuições iniciais.


Prezado professor/ NOME DO PROFESSOR(A)
Me chamo Maico, acadêmico da última fase do Curso de Artes Visuais Licenciatura - UNESC. No percurso do curso fui descobrindo afetivamente a linguagem da cerâmica pelos meus próprios processos e aplicados em estágio. Movido pelo crescente interesse na pesquisa de Trabalho de Conclusão do Curso – TCC, venho buscando entender por meio de relatos de experiências de professores/as, como eles/elas elaboram propostas a partir da linguagem da cerâmica e os aplicam em aulas de Arte?
Para dar sequência a minha investigação, gostaria de convidar você professor/a para responder a esse convite a partir dessas lembranças afetivas. Gostaria de entender sua história professor/a, em um breve relato sobre: Qual é o tema e o título da proposta em argila/cerâmica? Qual o local e ano que foi realizada a proposta em argila/cerâmica? Quantos alunos participaram? Foi elaborado a partir de uma técnica específica da linguagem da cerâmica? Os trabalhos foram queimados? Qual o acabamento usado na superfície dos trabalhos (tinta). É um projeto que foi replicado outras vezes? Foi realizada uma exposição na escola? Você possui registros sobre a proposta para anexar junto ao seu relato? Será um privilégio ter você em minha pesquisa.
Desde já, agradeço sua atenção!

Maico Niada

Criciúma, 10 de Outubro de 2022.

Figura 13 - Convite Professores (as) e Artista, 2022.
Fonte: Acervo do autor.

1. Gostaria de entender sua história, em um breve relato sobre: Qual sua ligação com a cerâmica?
2. Como funciona esse acolhimento com professores (as) que você recebe em seu ateliê? Como funciona a queima alternativa em seu ateliê qual a ligação?
3. Como você se sente quando os professor (as) levam os alunos até seu espaço?
4. Para você, o que a linguagem da cerâmica tem para contribuir para esses alunos(as)?
5.Como você se sente quando os professore (as) levam os alunos até seu espaço?
6. Para você, o que a linguagem da cerâmica tem para contribuir para esses alunos(as)?

Na sequência, trago os relatos dos professores (as) e da artista.

- Agnes Felix Ribeiro

A professora Agnes é natural da cidade de Criciúma (SC), graduou-se em Licenciatura Educação Artística, ambas pela UNESC (1999). Fez Pós-Graduação em Ensino da Arte: Fundamentos Estéticos e Metodológicos. Atualmente está

aposentada e presta serviços para Centro de Atenção Psicossocial-CAPS em Cocal do Sul com projeto “Arte terapia para mulheres.”

Conforme o relato da professora Agnes, o “Projeto de oficina de Arte”, passou a ser desenvolvido em 2002, com 15 (quinze) estudantes em cada em oficina. Os encontros aconteciam na garagem da antiga Prefeitura de Cocal do Sul. As escolas do município participaram desse projeto. Era oferecido no contraturno das aulas. Os estudantes eles eram recebidos com música ambiente para e muitos não queriam mais ir embora, relata a professora. Agenes ainda diz que as experiências através da argila proporcionaram momentos de tranquilidade e arte. O local possuía equipamentos como o forno cerâmico para a queima dos trabalhos. E conforme o relato de Agnes, os estudantes aguardavam ansiosos os resultados das queimas. As pinturas eram feitas com guache para finalizar. Abaixo segue os registros da professora Agnes (Figura 14,15 e 16).

Figura 14 - Agnes Felix Ribeiro. Projeto de oficina de Arte, experiência de estudantes com a cerâmica, 2002.
Fonte: Acervo Agnes Felix Ribeiro.

Figura 15 - Agnes Felix Ribeiro. Projeto de oficina de Arte, experiência de estudantes com a cerâmica, 2002.
Fonte: Acervo Agnes Felix Ribeiro.

Figura 16 - Agnes Felix Ribeiro. Projeto de oficina de Arte, experiência de estudantes com a cerâmica, 2002.
Fonte: Acervo Agnes Felix Ribeiro.

- Ana Cristina Viana Machado

A professora Ana é natural de e reside Criciúma (SC). É formada em Licenciatura em Artes Visuais - UNIASSELVI (2013). Atualmente ocupa o cargo de gestão de uma escola municipal de Criciúma. Em 2019, Ana teve a oportunidade de trabalhar com a argila em sala de aula uma turma de 5º Ano do Ensino Fundamental numa escola municipal de Criciúma. A proposta era trabalhar segundo os livros didáticos, onde aparecida a arte indígena, e a cerâmica portuguesa chegando a azulejaria. As placas feitas de argilas não puderam ser queimadas no forno pois devido a pandemia COVID-19 o projeto teve que ficar suspenso. Foi esperado várias semanas para a secagem natural. Após a secagem foi retomado a pintura, primeiro o fundo branco e depois as variações do azul.

A professora relata que finalizaram com uma exposição na escola, onde eles explicaram todo o processo da cerâmica e o porquê do azulejo português. E destaca "trabalhar com cerâmica é um processo demorado, exige paciência e dedicação. Mas vale a pena, para muitos alunos, foi o primeiro contato com a argila." Infelizmente durante a proposta a professora relatou que passou despercebido e não lembrou de registrar o momento tão significativo.

- Denny Soares

A professora Denise é natural do Rio Grande do Sul e reside em Criciúma. A professora formou-se em magistério em Artes Visuais - ESUCRI (2013), é Pós-Graduada em Arte e Música (2020). Atualmente trabalha em três escolas do município de Içara.

Para a professora, "eu acho muito importante explorar aulas práticas, falar sobre a cerâmica nas aulas de artes!." O projeto de aula, conforme Denny 'Cerâmica e modelagem' aconteceu em 2013 na escola não recorda o nome em Içara. A sala tinha em média 20 (vinte) estudantes. A mediação aconteceu em três etapas onde a professora nomeou o que temos ao nosso redor: como telha, tijolos, cerâmica de piso, caneca, bonecos em escultura. Na segunda etapa a proposta foi de expor a matéria, a argila branca, vermelha. Também, levou os materiais necessários como fio de náilon, por exemplo, para cortar e retirar a argila de uma superfície. Para

finalizar as produções dos próprios alunos. Assim, afirma a professora que encanta os alunos mediante as transformações que a argila percorre.

Denny afirma que as queimas das produções dos alunos aconteciam de forma voluntária onde uma colega de profissão levava e fazia as queimas em seu forno que tinha em casa em Forquilhinha. Quando perguntada se tinha registros dessa atividade, a professora disse que não pois na época pouco se fazia registro dos encontros.

Por conta das limitações físicas nas escola de não ter uma infraestrutura adequada para secagem se trabalhar a linguagem da cerâmica, a educadora hoje trabalha em suas aulas de Artes concilia com as práticas de matérias fazendo reflexões através de esculturas de biscuit. O contato com as experiências onde manusear, modelar trazem significados afetivos próprios dos alunos afirma Denny. Conforme explica esse processo do biscuit em esculturas (Figura 17).

Figura 17 - Denny Soares. Projeto de esculturas modeladas com biscuit, 2022.
Fonte: Acervo Denny Soares.

- Juliana Pereira Guimarães

A professora Juliana é natural de Jaguaruna e reside em Criciúma, sua formação em Artes Visuais – Licenciatura- UNESC (2013) Professora a dez anos atuando em escolas do município, em Santa Catarina.

A professora Juliana relata que “sobre a memória afetiva de uma proposta em específico, destaco uma sequência didática multidisciplinar com uma turma de 6º ano que em média tinha 28 (vinte e oito) alunos, em parceria com uma professora de História desenvolvemos percursos criativos baseado em um projeto sobre os conteúdos: Pré-História e a Cultura Indígena. A partir disso desenvolvemos algumas atividades. Para esta proposta convidaram a artista Simone Milak para dar uma oficina de cerâmica Guarani. A ideia era além dos alunos conhecerem as produções da artista local, desenvolver uma prática utilizando uma argila de qualidade, já que a artista mesmo que prepara o material e explica todo o processo de preparação. As peças não foram pintadas. Cito aqui a importância da qualidade da argila, pois os alunos maiores possuem expectativa em suas produções, e as argilas que são comercializadas em papelarias e floriculturas não são adequadas e se quebram facilmente”.

Conforme a professora, os “alunos assistiram também o vídeo da queima em que a artista explica como era realizada a queima quando ainda não existia o forno, as peças foram queimadas no ateliê de Escultura e Cerâmica Jussara Guimarães, Unesc. A exposição das peças se chamou “Criatividade sem Portas” e reuniu trabalhos de diversas linguagens, inclusive a da cerâmica” (Figura 18).

Figura 18 - Juliana Pereira Guimarães. Exposição Criatividade sem Portas, diversas linguagens e cerâmica, 2019.
Fonte: Juliana Pereira Guimarães.

- Marcos Antônio dos Santos

O professor Marcos Antônio é natural de Lages e reside em Criciúma. Sua formação em Artes Visuais - UNIPLAC, especialista em metodologia e Prática Interdisciplinar do Ensino - FUCAP, atualmente trabalha em escolas do município e do estado da região sul.

Ao longo do relato o professor foi mediando através de suas memórias o dizendo: o trabalho com argila na sala de aula proporciona aprendizagens sobre fazeres artísticos e tradições milenares de povos de diferentes lugares, culturas e épocas da trajetória humana no planeta.

Professor relata que: “minha primeira memória afetiva com a argila/cerâmica é do período de formação na universidade: levei um grupo de estudantes a uma exposição no espaço expositivo do SESC/Lages sob a monitoria do Rafael. Na conversa preliminar com os estudantes, ele apresentou-se como artista e professor em formação. Neste instante um dos estudantes perguntou-lhe como tinha acontecido seu encontro com as artes?”

E uma narrativa muito afetuosa desenrolou-se na qual Rafael mencionou que uma experiência proporcionada pela sua professora na primeira série do Ensino Fundamental levou a turma para “mexer no barro”. Havia um barranco próximo da

escola com uma argila ótima, muito plástica e exposta, com acesso direto e fácil. E “mexer no barro” foi a experiência geradora do artista Rafael que explorava as possibilidades da argila/cerâmica em um viés bem contemporâneo: na época ele desenvolvia a séria que nomeava de Casulos. Obras feitas manualmente com rolinhos, barbotina e com uma poética sobre metamorfoses, vida ulterior e trajetórias humanas. Meu primeiro emprego foi como Office Boy em uma olaria: realizava serviços burocráticos, cobranças, pagamentos, vendas e outras tarefas nas ruas da minha cidade natal. Depois de um tempo, trabalhei um período no escritório da olaria que ficava em uma área mais periférica e retirada da cidade. Período no qual conheci a cadeia produtiva em uma indústria de tijolos, que era o principal produto da empresa conforme marcos relata.

Vivenciei de perto as diversas etapas da produção de peças cerâmicas e, ao rememorar este período para a produção deste relato, levando-se em conta as experiências na minha trajetória neste intervalo entre a conclusão da escola regular, a formação acadêmica na docência em Artes Visuais. Hoje, consigo perceber de modo poético as etapas de produção na Cerâmica Carbonera, que ainda tinha características bem artesanais, da escolha dos tipos de argila que iam para o misturador antes de passar pela forma da máquina com o molde do tijolo (de variados modelos e tamanhos), lajota para laje pré-moldada, por exemplo.

No início da atividade docente em Arte, morando em Criciúma, tive a oportunidade de ministrar uma oficina de cerâmica que tinha vários vieses: da produção de peças autorais à trabalhos em parceria com o setor de atendimento psicossocial de estudantes que tinham o acompanhamento de uma equipe multidisciplinar com várias ações, coordenados pela psicóloga da instituição. Projetos interdisciplinares também foram desenvolvidos com colegas de outras áreas nesta mesma época, um bem marcante foi a criação dos personagens de Dom Quixote com os estudantes dos anos finais do ensino fundamental em Língua Portuguesa. A referência para as produções foram os desenhos a lápis de cor feitos pelo artista Cândido Portinari: os traços vibrantes e luminosos, as linhas inquietas, os olhares expressivos e uma presença quase que fantasmagórica de um Quixote sempre nas suas andanças. Os personagens criados pelos estudantes tinham uma mistura de arame, palitos e outros materiais envolvidos com rolinhos de argila. A pintura a frio era feita na peça bem seca, a qual não passava pelo forno justamente por conta dos materiais diversos na estrutura. Nas atividades da oficina as peças

eram diversificadas: criações em rolinhos, placas e até experimentos no torno elétrico que tínhamos acesso na oficina. Foram realizadas exposições com as produções dos estudantes participantes.

Outro projeto mais recente, realizado duas vezes, foi a “História dos Números”: pesquisa e prática desenvolvida em parceria com a professora de matemática Érica Jorge com as turmas do 6º ano dos anos finais do ensino fundamental, também na escola Julieta Torres Gonçalves. Os estudantes relataram o fascínio de mexer na “massinha da natureza”, preparando as placas, iniciando as gravações de um sistema numérico autoral, mesclando signos conhecidos e criando um sistema próprio. E a dedicação de tempo para o acabamento dos trabalhos. A primeira experiência foi no ano de 2019 e a segunda este ano 2022 e nesta, tivemos a oportunidade de queimar as placas criadas pelos estudantes no ateliê de cerâmica da UNESC. A professora e artista Odete Calderan acolheu generosamente os trabalhos que, após a queima no forno do ateliê, foram expostos na escola.

‘Conexão’ é como expresso o meu relato pessoal com a argila na minha trajetória docente. Um dos materiais que mais aprecio e, paradoxalmente, não tenho numerosas experiências nos últimos tempos. Conexão com a terra de uma forma intensa. A modelagem em argila permite sentir a passagem do tempo em uma outra pulsação, um outro ritmo, mais intenso, íntegro do qual resulta algo surpreendente que emerge da labuta, do embate com o barro. A plasticidade da argila propicia movimentos, aberturas, fissuras e desdobramentos do material em algo novo. E a prova do trabalho surge da queima, da prova das altas temperaturas no forno cerâmico. A cor, a textura, a integridade, aparência e outros detalhes da peça só podem ser vislumbrados após a abertura da porta do forno. Experimentei desde técnicas manuais, criações modeladas no torno eletrônico apoiadas por estecas, fios e outras ferramentas à pintura com esmaltes antes ou após a queima da peça. E deste repertório de criações e aprendizagens na linguagem da cerâmica, o trabalho com rolinhos e colagem manual é um dos meus favoritos. Ainda tenho algumas peças guardadas para as quais tenho planos de instalar em algum lugar no jardim que tenho cultivado em casa (Figura 19, 20 e 21).

Figura 19, 20 e 21 - Marcos Antônio dos Santos. História dos Números, 2019.
Fonte: Acervo Marcos Antônio da Silva.

- Simone Milak

A artista Simone Milak Guimarães, é natural de Criciúma (SC). Sua Formação em técnico de Cerâmica Artística Artesanal-SATC. Graduada em Artes Visuais-Bacharelado - UNESC. Artista conta que a aproximação da arte e de seus processos através da natureza. Relato a artista Simone “fui apresentada a cerâmica no ano de 2003, eu tinha 23 anos, pela professora/artista/pesquisadora Jussara Guimarães e seu esposo Vilmar, quando trabalhei no ateliê deles pintando azulejos cerâmicos. Mas acredito que minha ligação com a cerâmica começou muito antes, ainda na infância, com 7 ou 8 anos, quando frequentava a casa/ ateliê da Jussara Guimarães na companhia da minha tia Lourdes que prestava alguns serviços domésticos a ela”.

Quando perguntei como funciona as mediações do seu ateliê, a artista responde: Sobre a acolhida de professores e alunos no meu ateliê: no momento por algumas questões pessoais não estou recebendo grandes grupos, no máximo quatro pessoas para as oficinas. Também não estou realizando as queimas em fogueira aberta aqui. Também, realizei uma oficina para cerca de 20

professoras/educadoras na Escola de Educação Infantil Paraíso das Crianças de Forquilhinha – CEIC (Figura 22 e 23).

Figura 22 - Simone Milak. Projeto A oficina para as educadoras do CEIC de Forquilhinha, 23 de julho de 2022.
Fonte: Acervo Simone Milak.

Nesse processo de formação foram a dois momentos: técnica de rolinho e placa com impressões com folhas e outros elementos conforme conta Simone.

Figura 23 - Simone Milak. Detalhe: Projeto - Oficina para as educadoras do CEIC de Forquilhinha, 23 de julho de 2022.
Fonte: Acervo Simone Milak.

Então, o que tenho feito é combinar com grupos para que as atividades sejam realizadas em outro local, a exemplo realizei recentemente uma oficina para cerca de 70 alunos do Colégio Unesc, a etapa de modelagem aconteceu no ateliê de cerâmica do Curso de Artes Visuais e a queima em fogueira realizamos no Horto da Unesc (Figura 24, 25 e 26).

Figura 24 - Simone Milak. Projeto Ancestral, técnica de rolinho, 2022.
Fonte: Acervo Simone Milak.

Figura 25 - Detalhes: Simone Milak. Projeto Ancestral, técnica de rolinho, 2022.
Fonte: Acervo Simone Milak.

Mas para mim independentemente do local onde sejam realizadas as oficinas é sempre muito gratificante poder compartilhar minhas pesquisas e experiências sobre a cerâmica. Acredito que as queimas em fogueira aberta são um marco e também um diferencial na minha trajetória, nestas experiências conheci a cerâmica na sua forma mais simples e natural, como nossos ancestrais faziam. As fogueiras para queima de cerâmica são memórias vivas, estas experiências me ligaram ainda mais a esta arte e a natureza. O fazer cerâmico na sua essência é o entrelaçamento dos quatro elementos da natureza: terra, água, ar e fogo. E poder experimentar isso na prática é algo encantador.

Figura 26 - Simone Milak. Projeto Ancestral, técnica de rolinho e queima de fogueira, 2022.
Fonte: Acervo Simone Milak.

Sinto a cerâmica como um elo que me liga a natureza e a arte. O constante e diário contato com barro promove para mim um sentimento de reencontro, como se aquela sensação de comunhão com a Natureza vivida na infância, despertasse dentro de mim, afirma Simone.

2.1.1 ANÁLISE REFLEXIVA DOS RELATOS

A pesquisa inserida no método cartográfico, onde o primeiro contato com os professores e a artista se deu via *Whatsapp*, em seguida, encaminhei o convite com perguntas relacionadas aos processos de elaboração de propostas em cerâmica na escola e outros espaços. Em posse dos dados obtidos nos relatos, organizei todos em uma tabela destacando os professores (as) e a artista, a escola e cidade, o local de execução do projeto, o título e ano, e modelagem e queima cerâmica (Tabela 1).

SÍNTESE DOS RELATOS				
Professor (as) Artista	Escola, Espaços possíveis Cidade	Projeto	Ano de execução	Modelagem e queima
Agnes Felix Ribeiro	EEMF Prof. José Peruch, Cocal do Sul	Projeto de oficina de Arte	2002	- Modelagem com rolinho e placa. - Queima forno elétrico.
Ana Cristina Viana Machado	EMEIEF Amaro João Batista, Criciúma	Arte Indígena	2019	- Modelagem com rolinho e placa. - Não realizada a queima.
Denny Soares	Não lembra nome da escola, em Içara	Cerâmica e Modelagem	2012	- Modelagem com rolinho e placa. - Forno elétrico (outra professora levou e fez a queima em Forquilhinha)
Juliana Pereira Guimarães	Colégio UNESC, Criciúma	Pré-História e a Cultura Indígena	2019	- Modelagem com rolinho e placa. - Queima forno elétrico.
Marcos Antonio dos Santos	EEB Juleta Torres Gançalves, Nova Veneza	História dos Números	2019	- Modelagem com rolinho e placa. - Queima forno elétrico.
Simone Milak	Em seu ateliê. Ateliê UNESC	2 projetos - Oficina para as educadoras do Ceic de Forquilhinha - Projeto Ancestral	2022	- Modelagem com rolinho, placa e impressão de folhas. - Queima de fogueira.

Tabela 1 – Síntese dos relatos, 2022.
Fonte: Acervo do autor.

A síntese dos relatos, podemos verificar características e atribuições perante os projetos trabalharam em sala de aula através da linguagem da cerâmica, também a cidade, a escola e espaços possíveis, ano de execução e suas finalizações.

De acordo com os relatórios, é notório, que os professores e a artista, contribuíram para responder o problema de pesquisa: em que medida as experiências trazidas em propostas de cerâmica podem constituir memórias. Iniciando pela cerâmica que, carregada a ancestralidade em seu próprio processo, se repete no tempo de preparo, moldar, secar e queimar. E pelos relatos dos professores e da artista, percebe-se que quanto a propiciar aos alunos novas maneiras de conhecer a cerâmica, pelas etapas da modelagem da argila, quanto a secagem e queima (forno elétrico e fogueira), junto das trocas em exposições coletivas nos espaços da escolas.

Como na proposta da professora Agnes Felix Ribeiro, realizado em 2002, fora do espaço da escola, em período contraturno favorecendo aproximações entre os alunos e a professora, em um ambiente lúdico com música para ‘criar e relaxar’. Do resgate cultural trazido pela professora Juliana Pereira Guimarães, no projeto “Pré-História e a Cultura Indígena”. E também, de novas maneiras de pensar a cerâmica, como da artista Simone Milak trazendo a impressões de folhas que podem ser reinterpretadas, aproximando lugares e pessoas.

A concepção de tempo dos processos artísticos dos alunos de Ana Cristina Viana Machado aplicou seu projeto “Arte indígena”, em 2019, onde na percepção de processos, exige paciência e dedicação. Denny Soares em seu projeto ‘Cerâmica e modelagem’ 2013, para a professora acho muito importante explorar aulas práticas, falar sobre a cerâmica nas aulas de artes. Apesar de serem separadas por tempos diferentes de aplicação do projeto, os projetos se conectam nas percepções relatadas, cada um no seu tempo mais com mesmo propósito novas experiências.

Nesse sentido que, os resgates vividos através das experiências dos professores (as) e a artista que através de suas memorias afetivas, o projeto pode ser replicado como relata o professor Marcos Antônio dos Santos, projeto foi primeiro em 2019 foi a criação dos personagens de Dom Quixote com os estudantes dos anos finais do ensino fundamental em Língua Portuguesa. A “História dos Números” (2022): foi a prática desenvolvida em parceria com a professora de matemática, os estudantes relataram o fascínio de mexer na “massinha da natureza”, preparando as placas, iniciando as gravações de um sistema numérico

autoral, mesclando signos conhecidos e criando um sistema próprio. Percebe-se através do relato do professor como é importante na escola que se fale mais de propostas interdisciplinares, que valorize as experiências, as tocas com colegas de outras áreas, sabendo que é fundamental oportunizar novas experiências, tornando espaços possíveis de práticas e saberes.

Como afirma Larrosa:

> Se a experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular; ou, de modo ainda mais explícito, trata-se de um saber que revela ao homem concreto e singular, entendido individual ou coletivamente, o sentido ou o sem-sentido de sua própria existência [...] (LARROSA, 2014, p. 32).

Assim, ficou evidente pelos relatos dos professores (as) e da artista que as experiências foram importantes, mesmo com toda a limitação de não ter um local adequado, mesmo ao ter que utilizar espaços inadequados para conseguir realizar os projetos. Conforme os relatos dos professores (as) principalmente, é complexo dar continuidade as propostas pela falta de estrutura e equipamento, como o forno para queimar os trabalhos. Lembro que quando conversava com os professores via *Whatsapp* às respostas era a mesma, que dependia de um terceiro para realizar a queima.

Diante dos empasses, as figuras fornecidas sutilmente pôr os entrevistados trazem resultados eficazes ao processo ensino aprendizagem dos alunos. Através das memórias/histórias as produções artísticas em forma de objeto concreto dos alunos, contam sua maneira de ver o mundo, portando novas maneiras de se pensar em Arte na sala de aula através de novas materialidades através da contemporaneidade como na queima de fogueira da artista de realizar novos experimentos através de queimas alternativas.

Na percepção de Nora:

> Memoria, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memoria é a vida, sempre carregada por grupos vivos, [...]. A história é a construção sempre problemática e incompleta do que não existe mais [...] (NORA, 1993.p 8).

O ser humano através da arte se expressa através de expressões artísticas, podendo ser: música, poesia, dança teatro, desenho, escultura entre outros. Nessa

percepção de experiência relatada pelos professores (as) e a artista através de histórias ‘vivencias’ se constituem em memória.

3 PROJETO DE CURSO

TÍTULO: Experiência em oficina: Café/Cerâmica

CARGA HORÁRIA: 8 horas

EMENTA: Formação de professores (as), Arte em suas Experiências/Memórias, Artes Visuais-Licenciatura.

PÚBLICO-ALVO: Professores de Arte da Rede Municipal de Criciúma (SC).

NÚMERO DE VAGAS: 10 vagas

JUSTIFICATIVA

A proposta surge no desenrolar da Pesquisa de Conclusão de Curso, em uma proposta intitulada *Experiência em oficina: Café/Cerâmica.* O café pela simbologia que remete as memórias afetivas com familiares, amigos, muitas vezes, desencadeada pelo cheiro e sabor. Essa 'pausa' de quando nos sentamos em volta da mesa para conversar, rir, chorar. Como nas relações produzidas em um ateliê em propostas de cerâmica, pelas experiências com a matéria argila e pelas trocas.

Com a ideia de aproximar a escola e a universidade, encaminharei um convite aos professores (as) falando da pesquisa que desenvolvo no meu Trabalho de Conclusão de Curso, do local que será aplicado, o ateliê de Escultura e Cerâmica Jussara Guimarães – UNESC, por fazer parte da minha trajetória no curso de Artes Visuais Licenciatura, e também, pelas trocas possíveis com a proposta apresentada (Figura 27).

Figura 27 - Convite Experiência em oficina: Café/Cerâmica
Fonte: Acervo do autor.

Serão necessários dois encontros para a proposta que envolve cerâmica, o ‘tempo’ faz parte do processo de produção com argila, envolvendo o amassar, modelar e queimar. Para costura essa proposta de trabalhar com o bidimensional utilizando placas de 20x20cm de argila. A proposta é resgatar memórias afetivas através da argila.

Nesse estudo está interligado a teoria alinhada à prática. O ensino exige reflexão crítica sobre a prática, conforme Teixeira:

> Trabalhar com a formação das professoras requer um conhecimento das memórias e histórias da rotina escolar, embora a realidade social apresente grande crise, as instituições escolares ainda podem ser espaços privilegiados para produção e reflexão de subjetividade de saberes; de encontro de pessoas; de reencontro com a história e com a vida; lugar onde memória, palavras e práticas podem ser compartilhadas (TEIXEIRA, 2015, p. 3).

Complemento trazendo Paulo Freire, no livro “Teoria Pedagogia da Autonomia”, que diz:

> O pensar certo não é a partir dele como um dado, que se conforma a prática docente crítica, mas sabe também que sem ele não se funda aquela. A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. O saber que a prática docente espontânea ou quase espontânea, “desarmada” (FREIRE,1996, p. 21).

Para compreender esta ideia de oficina funciona como um espaço de formação do professor que faz um ‘pause’ da sala de aula e interage com outro é através de relatos/história. Assim, essas trocas de experiências contribuem para crescimento pessoal através do outro. Pois, na educação ninguém apreende se não haver troca de histórias e as experiências.

OBJETIVO GERAL

Estimular os convidados a conhecerem e desenvolverem suas próprias produções artísticas possibilitando vivências e experiências com a linguagem da cerâmica.

Objetivo Específico

- Desenvolver oficina de arte para os professores (as) no ateliê da UNESC;
- Analisar as diversas produções artísticas como meio de explicar diferentes culturas.
- Reconhecer as diversas linguagens artísticas, do trabalho e da produção do artista em seu meio cultural através do ateliê.
- Produzir individualmente resgatando suas memórias afetivas através de placas de argila.

METODOLOGIA

A oficina tem como objetivo de em forma de rodas de conversas, se desconectar do celular, sair das produções tradicionais de pintura sobre o papel, a proposta de bidimensional é resgatar memórias afetivas expressando através da

argila/cerâmica em uma superfície plana resgatando os sentimentos do acervo cultural de cada convidado, externando sair de dentro para fora.

Primeiro encontro: 4 horas

No primeiro momento, na recepção dos professores uma música "Metamorfose Ambulante - Raul Seixas" como forma de boas-vindas. Em seguida, como dinâmica em grupo de 6 professores faria a entrega de uma mensagem em papel enrolado que diz: "*O café me remete à prosa gostosa entre família e amigos, à tardinha, sentados a mesa, sem celular, degustando o cafezinho e bolo caseiro."* (Gerson Rossi)

A partir dessa mensagem, convidaria os participantes a relatar, o que o café faz lembrar! Após a resposta, convidaria cada professor (a) a relatar para o grupo sua experiência com a cerâmica na sala de aula. Respondendo algumas perguntas, com respostas breves.

Gostaria de entender sua história, em um breve relato sobre:

1 - Qual sua formação acadêmica?
2 - Qual sua ligação com a cerâmica?
3 - Para você, o que a linguagem da cerâmica tem para contribuir?

Segundo momento:

Já os preparando para as produções, hora do preparo da argila e os fazendo refletir nas suas propostas que experiências o CAFÉ/CERÂMICA nos proporcionou.

Segundo encontro: 4 horas

Continuação da proposta, finalizando. Após secagem, será realizado a queima das produções e podendo ser retirado os objetos.

CRONOGRAMA

EXPERIÊNCIA EM OFICINA: CAFÉ/CERÂMICA			
Data e dia da semana	Horário	Conteúdo	Ações, estratégias, orientações
05/11/2022 Sábado	08h00 às 12h00hs	Experiência em oficina: Café/Cerâmica	Demonstrar e contextualizar, proporcionando entendimento dos Professores (as) da oficina. Apresentando vídeo clipe *Metamorfose Ambulante - Raul Seixas* assim como, contextualizando com a proposta da roda de conversa. Com tema *"O que o café faz lembrar!"*
12/11/2022 Sábado	08h00 às 12:00hs	Experiência em oficina: Café/Cerâmica	Continuação da prática através do atelier de cerâmica da Unesc conciliando experiência e prática.

INFRAESTRUTURA E MATERIAIS NECESSÁRIOS

Local: Ateliê de Cerâmica Jussara Guimarães-UNESC.

Material principal: argila

Data Show.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** São Paulo, Paz e Terra.1996. Disponível em: <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/09/9.-Pedagogia-da-Autonomia.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2022.

TEIXEIRA, Maria Lúcia Aguiar. **A escola como lugar de memória**. Florianópolis. 2015. Disponível em: <http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1428380432_Arquivo_aescolacomolugardememoria-MariaLucia.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2022.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No percurso de construção da pesquisa, reflito sobre a minha trajetória na graduação. O caminho percorrido até aqui, as descobertas quando comecei com oficinas de pintura em gesso, a escolha do curso em Artes Visuais Licenciatura - UNESC. As motivações que partiram dos grandes mestres que tive ao longo da graduação, professores/artistas, como sempre fazendo pensar estratégias de experiências, nos ateliês e nas disciplinas, dentre outros, como: exposições, seminários, palestras, grupos de pesquisa, projetos de produções artísticas, viagens, com intuito de sairmos profissionais capacitados e com olhar atento para arte, para a vida.

Durante a pesquisa destaquei as práticas de ateliê, principalmente do Ateliê de Escultura e Cerâmica Jussara Guimarães, o quanto motivou a pesquisa na cerâmica, pela pluralidade de conteúdo com a terra/natureza e seus elementos fundamentais - terra, água, fogo e ar. Onde suas reações acontecem mediante suas misturas. Nesse víeis cerâmica me capturou pelas formas bidimensionais e tridimensionais modeladas, pela possibilidade de estudo, experiências e como conteúdo de artes nas escolas e outros espaços. Também, fui me descobrindo professor principalmente durante a disciplina de estágio, em destaque no estudo.

A estratégia metodológica baseada na cartografia, me possibilitou traçar uma ‘mapa afetivo’ ligando as cidades de Cocal do Sul, Criciúma, Içara e Nova Veneza, locais que estão diretamente ligadas aos professores (as) e artista: Agnes Felix Ribeiro, Ana Cristina Viana Machado, Denny Soares e Juliana Pereira Guimarães, Marcos Antônio dos Santos e artista Simone Milak. Assim, é notório, o quanto contribuíram para responder o meu problema de pesquisa, trazendo as suas experiências constituídas de memórias afetivas em propostas de cerâmica. E que propiciaram aos alunos (as) e participantes novas maneiras de conhecer a cerâmica, pelas etapas da modelagem (modelagem da argila, secagem e queima em forno elétrico e fogueira), pelas temáticas e trocas em exposições coletivas realizadas em escolas e outros espaços.

A pesquisa visa também, contribuir com a ampliação de repertórios pelo conteúdo aqui abordado em torno das experiências e memórias afetivas em propostas de cerâmica nas escolas e outros espaços. Vem igualmente colaborar com as pesquisas futuras na área de Artes Visuais Licenciatura, que estas

pesquisas se conectem com o pesquisador, e que valorize propostas realizadas por professores (as) em escolas e outros espaços, e que também, possa se tornar ‘experiências e memórias afetivas” para outros pesquisadores (as).

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Ministério da Educação**. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** São Paulo, Paz e Terra.1996. Disponível em: <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/09/9.-Pedagogia-da-Autonomia.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2022.

FRIGOLA, Maria Dolors Ros. **Cerâmica Artística**. Lisboa: Estampa, 2008.

GABBAI, Miriam. **Cerâmica Arte da Terra**. Soares. São Paulo: Callis,1987.

GIANNOTTI, Sirlene Maria. **Dar forma é forma-se: processos criativos da arte para a infância**, 2008. 235f. Dissertação (mestrado) Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em:< https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-26012009-141434/pt-br.php > Acesso em: 19 out. 2022.

HONORATO, Aurélia Regina de Souza. **Trajetórias cartográficas na formação de professores e professoras de artes**: espaços do possível. 2015. Disponível em:< http://pergamum.unisul.br/pergamum/pdf/110516_Aurelia.pdf>. Acesso em: 04 dez. 2022.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. 2002. Disponível em:< http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf >. Acesso em: 6 out. 2020.

LARROSA, Jorge. Tremores: **Escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo, Editora da Unicamp, 1996. Disponível em: < https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf >. Acesso em: 08 nov. 2022.

MIZIESCKI, Mikael. **A arte contemporânea do extremo sul catarinense: Poéticas, Movimentações e Desafios Patrimoniais**. Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE. Joinville, 2021. Disponível em: https://www.univille.edu.br/account/mpcs/VirtualDisk.html/downloadDirect/2689309/MIKAEL_MIZIESCKI.pdf. Acesso em: 07 nov. 2022.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Trad. Yara Khoury. Projeto História, São Paulo: PUC-SP, n. 10, p. 7-28, dez. 1993

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, **Liliana. Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre, RS: Sulina, 2009.

RODRIGUES, Maria Regina. **Cerâmica. Vitória: UFES, Núcleo de Educação Aberta a Distância**, 2011. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/357294734/Ceramica-pdf>. Acesso em: 24 ago. 2022.

SILVEIRA, Maria Betânia. **Tecer o barro: Uma Construção de Percurso e Conexões da Cerâmica em Hipermídia**. Dissertação de (Pós-Graduação). Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo,2006. Disponível em: < https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27131/tde-23072009-161200/publico/5062896.pdf > Acesso em: 04 nov. 2022.

TEIXEIRA, Maria Lúcia Aguiar. **A escola como lugar de memória**, Florianópolis, 2015. Disponível em: <http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1428380432_Arquivo_Aescolacomolugardememoria-MariaLucia.pdf > Acesso: Acesso em: 04 nov. 2022.

ANEXOS

ANEXO A

Convite: Professores (as) e Artista.

Prezado professor/ NOME DO PROFESSOR(A)
Me chamo Maico, acadêmico da última fase do Curso de Artes Visuais Licenciatura - UNESC. No percurso do curso fui descobrindo afetivamente a linguagem da cerâmica pelos meus próprios processos e aplicados em estágio. Movido pelo crescente interesse na pesquisa de Trabalho de Conclusão do Curso – TCC, venho buscando entender por meio de relatos de experiências de professores/as, como eles/elas elaboram propostas a partir da linguagem da cerâmica e os aplicam em aulas de Arte?
Para dar sequência a minha investigação, gostaria de convidar você professor/a para responder a esse convite a partir dessas lembranças afetivas. Gostaria de entender sua história professor/a, em um breve relato sobre: Qual é o tema e o título da proposta em argila/cerâmica? Qual o local e ano que foi realizada a proposta em argila/cerâmica? Quantos alunos participaram? Foi elaborado a partir de uma técnica específica da linguagem da cerâmica? Os trabalhos foram queimados? Qual o acabamento usado na superfície dos trabalhos (tinta). É um projeto que foi replicado outras vezes? Foi realizada uma exposição na escola? Você possui registros sobre a proposta para anexar junto ao seu relato? Será um privilégio ter você em minha pesquisa.
Desde já, agradeço sua atenção!

Maico Niada

Criciúma, 10 de Outubro de 2022.

Prezada Artista, Nome da Artista

Me chamo Maico, acadêmico da última fase do Curso de Artes Visuais Licenciatura - UNESC. No percurso do curso fui descobrindo afetivamente a linguagem da cerâmica pelos meus próprios processos e aplicados em estágio. Movido pelo crescente interesse na pesquisa de Trabalho de Conclusão do Curso – TCC, venho buscando entender por meio de relatos de experiências de professores/as, como eles/elas elaboram propostas a partir da linguagem da cerâmica e os aplicam em aulas de Arte?
Para dar sequência a minha investigação, gostaria de convidar você para responder a esse convite a partir dessas lembranças afetivas. Gostaria de entender sua história , em um breve relato sobre: Qual sua ligação com a cerâmica? Como funciona esse acolhimento com os professores (as) que você recebe em seu ateliê? Como funciona a queima alternativa em seu ateliê qual a ligação? Como você se sente quando os professores (as) levam seu alunos ate seu espaço? Para você, o que a linguagem da cerâmica tem para contribuir para esses alunos (as)?
Será um privilégio ter você em minha pesquisa.
Desde já, agradeço sua atenção!

Maico Niada

Criciúma, 23 de Outubro de 2022.

ANEXO B

Experiência em oficina: Café/Cerâmica.